

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
BACHARELADO EM PRODUÇÃO CULTURAL

TAMARA GOMES DE SOUZA

R<sup>2</sup>. A.P – RIMA, RITMO E AÇÃO POLÍTICA:  
a produção cultural no espaço público como política cultural – A roda cultural do  
Méier

NITERÓI  
2021

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

D278r De souza, Tamara Gomes  
R<sup>2</sup>. A.P ? RIMA, RITMO E AÇÃO POLÍTICA: : a produção cultural no espaço público como política cultural ? A roda cultural do Méier / Tamara Gomes De souza ; Marildo J. Nercolini, orientador. Niterói, 2020.  
57 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2020.

1. Rodas Culturais. 2. Rap. 3. Ocupação do espaço público. 4. Políticas Culturais. 5. Produção intelectual. I. Nercolini, Marildo J., orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD -

TAMARA GOMES DE SOUZA

**R<sup>2</sup>. A.P – RIMA, RITMO E AÇÃO POLÍTICA:  
a produção cultural no espaço público como política cultural– A roda cultural  
do Méier**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Universidade Federal  
Fluminense como requisito necessário à  
obtenção do título de Bacharel em Produção  
Cultural.

Orientador:  
Prof. Dr.MARILDO NERCOLINI

Niterói  
2021



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO  
CULTURAL

## ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

No décimo dia do mês de maio de 2021, às dezoito horas, realizou-se de forma remota (online), excepcionalmente, em conformidade com a Decisão N.º. 100/2020 de 21/05/2020, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense, a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado "**R. A.P – RIMA, RITMO E AÇÃO POLÍTICA: a produção cultural no espaço público como política cultural – A Roda Cultural do Méier**", apresentado por **Tamara Gomes de Souza**, matrícula 114033029, sob orientação do(a) Prof. Dr. Marildo J. Nercolini.

A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador/Presidente): Dr. Marildo J. Nercolini

2º Membro: Dr.ª. Rôssi Alves Gonçalves

3º Membro: Me. Guilherme Marcelino dos Santos Silva

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição:

10 (DEZ)

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Prof. Dr. Marildo J. Nercolini  
Presidente da Banca

TAMARA GOMES DE SOUZA

**R<sup>2</sup>. A.P – RIMA, RITMO E AÇÃO POLÍTICA:  
a produção cultural no espaço público como política cultural– A roda cultural  
do Méier**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Universidade Federal  
Fluminense como requisito necessário à  
obtenção do título de Bacharel em Produção  
Cultural.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Marildo Nercolini  
Universidade Federal Fluminense  
Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rôssi Alves Gonçalves  
Universidade Federal Fluminense

---

Me. Guilherme Marcelino dos Santos Silva  
Universidade Federal Fluminense

NITERÓI  
2021

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus avós, que acreditaram em meu potencial e investiram na minha formação, abdicando de sonhos e bens materiais para que eu pudesse estudar. Para minha avó, Creusa Francisca Costa de Souza, dedico este trabalho, mesmo que ela tenha partido antes de ver o diploma. Ao meu avô, Agripino Joviniano, agradeço o empenho em me manter estudando, com muitos empréstimos feitos para pagar escolas que não poderíamos, já que para aquele casal que só pôde cursar o ensino básico quando adultos, a educação era necessidade básica. Gratidão imensa a estes anjos!

Agradeço à minha família que acompanhou minha carreira profissional, curiosos para entender o que fazia o tal do “produtor cultural”. Assim, agradeço aos meus pais Márcia e Cláudio, minha tia Fátima, minha grande amiga Rosane, e minha irmã Brenda. Ao meu companheiro Nicholas, agradeço especialmente pela preocupação constante e incentivo durante toda a graduação, indo à campo comigo no sol e na chuva, ajudando no ângulo da câmera ou segurando minha mochila enquanto eu conversava com MCs. Na universidade, agradeço às grandes amigas Duda, Mariana e Paula, que me ajudaram de todas as formas, sendo tomadas pelo mesmo encantamento que eu, realizando comigo muitos trabalhos de conclusão de disciplina sobre o CCRP.

À banca, Rôssi e Guilherme, além de agradecer, explico a admiração que motivou o convite, e todo o significado que cada um de vocês representa para esse trabalho. Vocês me apresentaram um Rio de Rimas, que eu não teria desbravado do mesmo modo sem tê-los como referência e estudo. Obrigada também por terem me acolhido em cada encontro presencial, onde uma menina se embrenhava ao fim de um debate ou defesa, para falar que gostaria de pesquisar o mesmo que vocês, e que ela vinha “lá do Méier”.

Ao meu orientador, Marildo Nercolini, gratidão não seria nem a palavra mais justa. Sou encantada pelo modo como me ensinou sobre a apropriação do espaço público e admirada pela sua paciência e fé para comigo, quando nem eu mesma acreditava ser possível. Obrigada por não desistir e me ensinar que todo esforço é válido para conquistar nosso objetivo e seguir no caminho que pretendemos.

Por fim, agradeço aos organizadores da Roda Cultural do Méier, que me acolheram desde 2014, me apoiando em cada fase da pesquisa. Obrigada especialmente ao incrível gestor Don Allan Marola, que com o saber das ruas, dá uma verdadeira aula de gestão cultural e políticas culturais, executando em nove anos de Roda do Méier, o que muitas Secretarias de Cultura jamais sonhariam. Gratidão também ao Fabio Broa, Fabricio, Negrone, Click Art, Detox Zumbi, Thiago Sobral (Roda da Vila) e Juju Rude.

Dedico este trabalho a todos os fazedores de cultura independente, ocupantes do espaço público, que invadem o que em natureza já lhes pertence, preenchendo a cidade cinza com cor, ação e arte.

Eu e este trabalho não seríamos iguais sem a inspiração e o exemplo proporcionado por eles!

*“É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que armado da verdade, por si só exercita a revolução.”*

*Sérgio Vaz*

## RESUMO

A partir do estudo de caso do movimento da Roda Cultural do Méier, na Zona Norte do Rio de Janeiro, busca-se discorrer sobre a ocupação artística e cultural do espaço público pela sociedade civil e suas relações com as políticas culturais do Estado. Tendo como eixo principal a intervenção no espaço público e as noções de reapropriação do cotidiano urbano, objetiva-se analisar as motivações para essas intervenções, partindo da hipótese de que as mesmas ocorram como mecanismos de realização de anseios não concretizados pelo poder hegemônico, aqui representado pelo Estado e ações públicas de política cultural. Os coletivos independentes, como a Roda Cultural do Méier, serão aqui analisados como organizações contra hegemônicas, com conflitos e tensões pertinentes à ressignificação dos espaços públicos. Também serão demonstradas as transformações físicas e simbólicas promovidas a partir da intervenção artística no espaço público, seus efeitos e desdobramentos. O estudo apresentado justifica-se pela urgência em se debater os conceitos de “*público privado*”, a utilização das manifestações culturais como forma de militância política e ativismo, além da construção de políticas culturais horizontalizadas e que dialoguem com as comunidades locais.

Palavras-chaves: Rap, Rodas Culturais, Ocupação do espaço público, Ativismo político, Arte-política, Políticas Culturais.

## **ABSTRACT**

Based on the case study of the Roda Cultural do Méier movement, in the North Zone of Rio de Janeiro, we seek to discuss the artistic and cultural occupation of public spaces by civil society and its relations with the cultural policies of the State. Having as main axis the intervention in the public space and the notions of reappropriation of the urban daily life, the objective is to analyze the motivations for these interventions, starting from the hypothesis that they occur as mechanisms for the realization of longings not realized by the hegemonic power, represented here by the State and public cultural policy actions. Independent collectives, such as the Roda Cultural do Méier, will be analyzed here as counter-hegemonic organizations, with conflicts and tensions pertinent to the reframing of public spaces. The physical and symbolic transformations promoted from the artistic intervention in the public space, their effects and developments will also be demonstrated. The study presented is justified by the urgency of debating the concepts of “private public”, the use of cultural manifestations as a form of political activism and activism, in addition to the construction of horizontal cultural policies that dialogue with local communities.

Keywords: Rap, Cultural Meetings, Intervention in the public space, Political Activism, Political Art, Cultural Policy.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Terminal Rodoviário Gelton Pacciello da Motta .....	21
Figura 2. Vista de dentro da praça “Miniramp do Méier”, com constante fluxo de ônibus ao redor.....	22
Figura 3. A praça do MiniRamp.....	23
Figura 4. Organizadores da Roda Cultural do Méier na Rampa de Skate .....	24
Figura 5. Entrada principal da praça anexa ao terminal.....	25
Figura 6. Logo CCRP elaborada em 2014.....	28
Figura 7. Roda de Rima do Méier, gravação para entrevista ao SBT.....	29
Figura 8. Estacionamento do Baixo Méier.....	30
Figura 9. Roda de Rima do Méier.....	32
Figura 10. Exibição do Documentário <i>Na Humildade: 15 anos depois</i> .....	33
Figura 11. Organizadores da RCM no 3º Batalhão de Polícia Militar-PMERJ, localizado no Méier .....	39
Figura 12. Comemoração de três anos de atividades de Roda Cultural do Méier....	42
Figura 13. Folder Digital do projeto <i>Live Roda Cultural do Méier</i> .....	44

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Principais dificuldades da Roda Cultural do Méier .....	39
Tabela 2. Dificuldades encontradas em outras rodas.....	40
Tabela 3. Legislações favoráveis às Rodas Culturais.....	49

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CCRP - Circuito Carioca de Ritmo e Poesia

XARPI - Pichação

RCM - Roda Cultural do Méier

CIC - Centro Interativo de Circo

MINIRAMP - Mini Rampa de Skate do Méier

RODA - Roda Cultural do Méier

RAP - Rythm and Poetry (Gênero musical)

COMLURB - Companhia Municipal de Limpeza Urbana

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 - TERRITÓRIO E CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPAÇO URBANO.....	18
1.1.O bairro do Méier: local de encontro.....	18
1.2.Território: O Miniramp do Méier, local de ressignificação.....	22
CAPÍTULO 2 - A RODA CULTURAL DO MÉIER.....	27
2.1. Como nasce e se desenvolve a Roda Cultural.....	27
2.2. Territorialidades: Ressignificação simbólica do espaço público.....	33
2.3.Consolidação da Roda Cultural do Méier: estratégias e diálogo.....	37
CAPÍTULO 3 - A LEGITIMAÇÃO DE UM MOVIMENTO CULTURAL.....	44
3.1.Ativismo político e agentes locais.....	44
3.2.Conquistas para a RCM e as Rodas Culturais.....	48
CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS.....	57

## INTRODUÇÃO

O trabalho pretende analisar através da ótica das relações entre *Público X Privado*, *Hegemonia X Contra-Hegemonia* e *Direito à Cidade*; a ocupação do espaço público pela população<sup>1</sup>, particularmente, através das ocupações de viés artístico-cultural. Pretende-se entender as motivações dos indivíduos que escolhem o espaço público como área para o desenvolvimento de suas atividades e em que medida tais movimentações tornam-se manifestações políticas, seja no campo subjetivo, ou ainda, no enfrentamento direto em disputas por legitimação e fomento das atividades. A partir deste questionamento principal, serão discutidos e demonstrados como resultado de pesquisa, os frutos diretos de ações como as da Roda Cultural do Méier, no cotidiano dos bairros e nas políticas culturais do estado.

A ocupação artístico-cultural do espaço público será aqui apresentada através do fenômeno das Rodas Culturais, sendo fundamental que se discorre neste trabalho sobre as relações entre os fenômenos da Contracultura, Cultura e marginalidade; além de questões de territorialidades e conceitos fundamentais para os estudos de antropologia urbana. Essas questões são de tal sincronia com o objeto de estudo, que a epígrafe desta dissertação trata-se de um poema<sup>2</sup> clássico da literatura marginal, movimento que dialoga constantemente com a cultura do rap nacional e das rodas culturais, onde grupos não hegemônicos manifestam-se através da arte, lutando por respeito e legitimação.

Assim mesmo são as rodas, ao ocuparem praças, becos e viadutos, que em sua maioria estavam abandonados pelo poder público, mas na mão de agentes locais tornam-se grande espaços de confraternização e entretenimento, ressignificados física e simbolicamente.

Conforme será exposto, os anseios percebidos nesses grupos revelam a inconsciente natureza política do cidadão, que desenvolve relações de pertencimento e afetividade com o espaço público e se insatisfaz com as demandas

---

<sup>1</sup> População aqui entendido como os membros da sociedade civil que não se consideram vinculados a alguma instituição formal, sendo estas ligadas ao Capital (empresas e grupos privados), Estado (órgãos públicos) e Igreja (instituição religiosas em geral).

<sup>2</sup> Manifesto da antropofagia periférica, poema de Sergio Vaz. Expoente do movimento da Literatura Marginal. O poema é um trecho do Manifesto da 1ª Semana de Arte Moderna da Periferia, realizada pelo grupo COOPERIFA.

da gestão pública sobre esses ambientes. Com o intuito de manter a qualidade do trabalho e da interpretação de dados, foi escolhido como objeto de estudo uma roda cultural específica, a Roda Cultural do Méier, para, a partir de sua historicidade, articuladores, conquistas e perdas, fazer um recorte justo que compreenda a movimentação cultural do bairro do Méier, que também representa a movimentação cultural intensa de muitos locais periféricos.

É importante frisar que não se tenta resumir o fenômeno das Rodas ou das manifestações culturais no espaço público, a partir da análise de um único exemplar, mas objetiva-se entender o ativismo político desenvolvido em movimentos culturais deste tipo, haja vista o despertar da sociedade civil sobre os diferentes usos do espaço público.

Com enfoque particular na construção do movimento das rodas de rima no Estado do Rio de Janeiro, trabalho as noções necessárias para o entendimento do grande fenômeno social da ocupação do espaço público e suas relações com as políticas culturais estatais e civis adotadas no Rio de Janeiro, principalmente entre os anos de 2014 a 2018 e suas reverberações atualmente, em 2021, com variadas gestões políticas gerando diferentes tratamentos aos movimentos culturais de rua. A Roda Cultural do Méier foi escolhida como estudo de caso pela familiaridade com o bairro do Méier, onde nasci e fui criada; representando grande parte da minha construção de pertencimento ao bairro, motivando inclusive a cursar a graduação em Produção Cultural, absorvida pela potência dos movimentos culturais artísticos daquela localidade.

O bairro do Méier se destaca como um grande ponto de encontro da Zona Norte carioca e especificamente entre os anos de 2012 até 2016, se caracterizou pela eclosão de vários movimentos culturais independentes que tinham como questão central a ocupação do espaço público, como: Norte Comum, Spa da Loucura, Coletivo Vô Pixá Pelada, Leão Etíope do Méier, entre outros. Ao ganharem visibilidade até da mídia formal, estes coletivos contribuíram também para o reconhecimento da grande efervescência cultural do Méier, antes mesmo de uma iniciativa cultural ligada ao estado e de reconhecido investimento, caracterizada pela reforma do tradicional *Cine Imperator*, transformado em *Centro Cultural João Nogueira – o Imperator*.

Apesar da lente de proximidade e da condição de observadora participante, o trabalho pretende desconstruir conceitos pessoais e se debruçar sobre dúvidas pertinentes para entender este fenômeno como um expoente de ação artístico-política, com acertos, falhas, críticas ou incongruências, buscando produzir material que colabore para que movimentos deste tipo possam se multiplicar, tendo demonstrado os benefícios que representam para a sociedade, além da imperatividade de sua temática para os estudos acadêmicos.

Estes grupos culturais que têm como característica principal a ocupação do espaço público, travam constantemente batalhas com as esferas institucionais para legitimação e reconhecimento, sofrendo diversas repressões e impedimentos, em um constante jogo de direito à cidade. Os *ativistas* criam então, interessantes dinâmicas de apropriação do espaço urbano, ressignificando a cidade e criando formatos relevantes de atuação artística, misturando a todo tempo arte-vida, arte-política, entre outros.

Tais dinâmicas adotadas por esses grupos, são tão relevantes que muitas vezes acabam cooptadas por iniciativas privadas e tradicionais, gerando dicotomias nos princípios desses grupos, conflitos internos e um constante debate sobre formas de garantir reconhecimento aos grupos, gerar renda e profissionalização para os seus participantes, e manter a alcunha de grupos alternativos e independentes.

Essa pesquisa foi motivada pela movimentação jovens e interesse verificado no grupo, a respeito das políticas culturais e ocupação do espaço público, temas populares na academia, porém constantemente requisitados pelos chamados “produtores autodidatas”, que mesmo sem o conhecimento acadêmico e técnico sobre o setor, realizam com maestria projetos culturais completos e complexos, transformando-se em agitadores culturais, criando novos modelos de projetos e diálogos com o setor público e privado.

Foram usadas para composição deste material as técnicas de pesquisa etnográfica com observação participante, entrevistas virtuais, análise de textos acadêmicos e de bibliografia específica relacionada às rodas culturais, objetivando através dos capítulos apresentados, entender o sucesso deste tipo de ocupação do espaço público e a motivação dos agentes envolvidos para tal, colocando a intervenção cultural no espaço público como política de resistência.

Assim, em uma referência direta ao universo das rodas culturais, apresentamos o espaço físico como local de luta e legitimação, focando no primeiro capítulo na apresentação das linhas gerais motivadoras da pesquisa e nas questões territoriais, com considerações sobre o espaço urbano.

Já no segundo capítulo, o olhar é focado especificamente no objetivo de pesquisa, apresentando a roda cultural do Méier como um caso de ativismo cultural, narrando sua história e as tensões e conflitos que envolvem a consolidação do grupo. Diferentemente do primeiro capítulo, o foco neste momento são as questões simbólicas atreladas a este movimento cultural.

Por fim, o terceiro e último capítulo da pesquisa, concluindo o propósito da pesquisa, narra a dimensão política da ocupação cultural no espaço público, a organização do grupo para legitimação e continuidade de suas ações, com as melhorias físicas e simbólicas promovidas em quase uma década de Roda Cultural do Méier.

Com todo este trabalho de pesquisa, pretende-se apresentar qual o papel das políticas culturais para melhor aproveitamento da sociedade civil no espaço público, quais as dimensões da arte-política na luta contra a instauração do poder hegemônico representado pelas esferas públicas, entendendo como trabalhar noções de pertencimento e Direito à Cidade.

## CAPÍTULO 1 - TERRITÓRIO E CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPAÇO URBANO

### 1.1. O bairro do Méier: local de encontro

Como um movimento inicial para discussão de territorialidades e principalmente das intervenções no espaço público, é fundamental se debruçar sobre questões físicas e demográficas do local, uma vez que estes dados fornecem contribuições efetivas sobre o movimento a ser estudado. Como hipótese para o sucesso da Roda Cultural do Méier e sua notoriedade em relação a outras rodas, dois aspectos territoriais principais merecem destaque: a alta mobilidade urbana do bairro e um intenso consumo de entretenimento e produção cultural.

A Roda Cultural do Méier, surge no Bairro do Méier, Zona Norte do Rio de Janeiro, região considerada como subúrbio carioca, um bairro de intensa produção cultural independente, que se caracteriza como ponto de encontro entre indivíduos residentes de outras regiões, principalmente dos bairros integrantes do popular “*Grande Méier*”, tecnicamente nomeado como Região Administrativa do Méier (RA XIII), formada por 16 bairros<sup>3</sup>.

Sobre esse aspecto, os pesquisadores Rosa, Strauch e Ajara:

A zona norte é composta por 24 das 33 regiões administrativas da cidade do Rio de Janeiro. Dentre essas regiões, destaca-se a Região Administrativa do Méier (RA XIII), que sempre se despontou como importante centro de serviços, comércio e lazer, com expressiva centralidade urbana. Isto foi facilitado devido à implantação de importantes elementos de infraestrutura que permitiram a intensificação dos fluxos de pessoas e mercadorias nesta área, a exemplo da linha férrea e do metrô. (ROSA; STRAUCH; AJARA, 2015, p.308)

Entender como este bairro pode ser lido como um “Polo Cultural” se faz fundamental para introduzir e contextualizar o fenômeno social, cultural e político que é a Roda Cultural do Méier, entendendo a raiz da efervescência da cena independente local.

A primeira avaliação do bairro como um ponto de encontro das regiões próximas veio enquanto habitante, ao perceber um grande volume de atividades culturais na região, que eram intensificadas por um trânsito absoluto de residentes de outros bairros, não só para atividades cotidianas como para lazer e entretenimento. O fluxo era intenso, ainda que não houvesse museus ou instituições culturais formalmente estabelecidas na área, o que demonstra uma movimentação local para gerar ações fora das políticas públicas e iniciativas privadas.

A importância da análise sobre a ocupação artística e cultural do espaço público começar pelo detalhamento dos aspectos físicos e de território ligados ao objeto de estudo é colocada pela pesquisadora Eneida Maria Mendonça, em sua pesquisa sobre os principais conceitos das apropriações do espaço público

Uma observação inicial refere-se à relação do espaço público na cidade com o próprio meio urbano, [...] esta relação se encontra fortemente vinculada a aspectos físicos, naturais e/ou construídos, caracterizado pelo desenho de forma. (MENDONÇA, 2007, p.297)

Nossas relações sociais e a maneira como experimentamos nosso local de habitação são afetadas pelas características físicas e estruturais do espaço. Essas características físicas, naturais ou construídas (como uma malha rodoviária abundante ou um polo de bares e restaurantes), impactam diretamente na maneira como se desenvolve a ocupação do espaço público fenômeno da roda, ajudando a entender sua formação e sua diferenciação para as demais rodas do Rio de Janeiro. O bairro do Méier se caracteriza como ponto de encontro, contando com uma gama imensa de linhas de ônibus, estações de trens, que ligam o Méier a várias regiões da cidade, vantagens que foram aproveitadas também pelo comércio e iniciativas privadas, tendo o bairro recebido o primeiro Shopping Center da América Latina, por exemplo, além de variados empreendimentos gastronômicos ao longo dos anos.

A quantidade de comércios locais, bares e restaurantes proporciona também uma vida cultural intensa, pelo hábito carioca de beber nas ruas, com os tradicionais botecos estendendo mesas por grandes trechos de calçada. Nesse aspecto, a vida

cultural garantida pela iniciativa privada se choca com a cena cultural independente, gerando naturalmente um excedente de consumo cultural para as ações não legítimas, e em sua maioria, gratuitas, observação muito utilizada nas apropriações do espaço público: “[...] afetas às apropriações encontram-se as possibilidades de uso indicadas diretamente pelo ambiente urbano construído, mas também, as possibilidades intuídas a partir dele, adaptadas às necessidades imediatas ou aos desejos e intenções não satisfeitos na construção do ambiente.” (MENDONÇA, 2007, p.297)

Ou ainda entendendo as iniciativas de entretenimento privadas como fixos que criam fluxos, como afirma o Geógrafo Milton Santos, MENDONÇA, também determina :

O autor indica ainda a infraestrutura implantada pelo Estado, como “fixos [que] atraem e criam fluxo”, concluindo que “o subsetor governamental orienta os fluxos econômicos e humanos e determina a sua viabilidade e direção”. Por outro lado, indica que “os fluxos também criam fixos na órbita do subsistema de mercado, sobretudo quando os fixos de origem pública são insuficientes para atender à demanda. (MENDONÇA, E. M. S.2007.p.301)

O raciocínio traçado é de que o grande fluxo de pessoas no bairro, proporcionados pelas dezenas de linhas de ônibus e de trens urbanos, somados a uma economia de entretenimento formada pelos bares e restaurantes, aumenta de modo geral a vida cultural do bairro, mas gera naturalmente demandas locais, especificamente das parcelas populacionais que não se sentem contempladas pelas opções de consumo cultural ofertadas. Assim, uma verdadeira explosão cultural gera uma série de grupos independentes, onde se incluem a Roda Cultural do Méier e outros grupos culturais.

Se essa efervescência cultural gera uma série de ações culturais independentes, a mobilidade urbana, por sua vez, garante a vida desses movimentos, gerando público para as atrações e grande intercâmbio cultural entre bairros. Assim, a Roda Cultural do Méier por exemplo, fica reconhecida com uma

das rodas de maior sucesso do Circuito de Rima Ritmo e Poesia – CCRP do Rio de Janeiro, atraindo grande fluxo de MCs de vários bairros do RJ, superando o quantitativo de público tradicionalmente aguardado para o pequeno espaço da mini rampa de skate onde o evento acontece, enquanto outras rodas em espaços mais amplos, por exemplo, não desfrutavam de públicos tão grandes.



Figura 1. Terminal Rodoviário Gelton Pacciello da Motta (fotografia: Tamara Souza, 2019)

O Méier possui duas estações de trem, a SuperVia Trens Urbanos contempla o bairro com a Estação do Méier, localizada bem próximo a tradicional Dias da Cruz (na estação mencionada passam os trens da Linha Deodoro) e a Estação Silva Freire, localizadas nos limites com o bairro de Engenho Novo, onde passam outras linhas de trem ( as de Santa Cruz e Japeri). O bairro possui também dois terminais rodoviários: o Terminal Rodoviário Américo Ayres (de onde partem oito linhas rodoviárias com dezesseis itinerários) e o Terminal Rodoviário Gelton Pacciello da Motta, que tem protagonismo especial em nosso trabalho, com sete linhas e quinze itinerários de ônibus. Assim, uma malha ferroviária composta de 03 linhas de trem e uma consolidada rede de transporte rodoviário formada por 55 linhas de ônibus promovem o grande fluxo de vida, tão essencial para que se entenda a dinâmica de surgimento e consolidação da Roda Cultural do Méier, em que os aspectos territoriais desenvolvidos nessa fase da pesquisa são fundamentais para nosso objetivo de estudo, uma vez que o território da roda é contemplado com

uma proximidade providencial a um terminal de ônibus, a uma estação de trem e a um polo gastronômico de tradicionais bares.



Figura 2. Vista de dentro da praça “Miniramp do Méier”, com constante fluxo de ônibus ao redor (fotografia: Tamara Souza, 2020)

## 1.2. Território: O miniramp do Méier, local de ressignificação

É necessário também preparar o leitor para entender o que seria a roda cultural pelo ponto de partida mais direto no imaginário popular: seu espaço físico. Território e territorialidades são bases fundamentais para entendermos uma expressão cultural, principalmente as que ocorrem através de apropriações do espaço urbano. Começando essa historicidade pela descrição do espaço físico, analisamos também como aspectos específicos do ambiente urbano podem influenciar ações da população nesses espaços. Apresentando o que é a Roda Cultural do Méier, a praça em que está situada, a rampa de skate, seus vizinhos, pontos de comércio próximo, e assim traçar uma narrativa de partida, para absorver a riqueza desse movimento cultural.



Figura 3. A praça do MiniRamp (fotografia: Tamara Souza, 2020)

Realizando encontros semanais às quartas-feiras, na praça de skate popularmente conhecida como “MiniRamp do Méier”, a Roda Cultural do Méier se tornou uma das mais famosas e reconhecidas rodas culturais participantes do circuito das rodas de rima cariocas, representadas pelo coletivo CCRP. Uma das características mais marcantes e representativas desta roda se tornou justamente seu espaço físico, por se relacionar tão bem ao imaginário do rap e da cultura urbana: uma praça de skate. A mini rampa localizada em posição central da praça/área de convívio, do Terminal Rodoviário Gelton Pacciello da Motta, com disposição semelhante à de um palco, com um banco de cimento em semicírculo, perfeito para abrigar a plateia assídua e ávida pelas batalhas de rima. O espetáculo ainda conta com a passagem quase constante de skatistas, que continuam usando a rampa para manobras mesmo durante os eventos da roda, sendo normal que o público e artistas sejam surpreendidos por skate voadores ou barulhos de quedas estridentes.

A arquitetura provavelmente projetada para a prática esportiva, mas totalmente propícia à intervenção feita no espaço, se encaixa quase que

propositalmente a um evento de cultura urbana como uma roda de rima, tendo se tornado uma característica tão marcante da roda, que serviu para populariza-la e seguiu sendo símbolo do grupo, até mesmo sendo usada no período de isolamento social (durante 2021) como banner de fundo para uma live/encontro virtual da Roda Cultural do Méier, marcando a simbologia e representatividade do espaço física para os integrantes do grupo e amantes da Roda.



Figura 4. Organizadores da Roda Cultural do Méier na Rampa de Skate (fotografia: Instagram Oficial da Roda Cultural do Méier, 2021)

A relação tão direta do espaço físico com a simbologia do movimento cultural em questão ajuda a entender porque encontramos na análise do espaço físico da roda tantos conteúdos fundamentais para dissertar sobre a apropriação e ressignificação do espaço público .

O terminal rodoviário Genton Paciello da Motta leva o nome de seu arquiteto, cujos trabalhos de construção de terminais rodoviários (é dele também o terminal rodoviário da Central do Brasil) e outros espaços públicos pela cidade que possuem como característica o aproveitamento dos espaços, construindo também área de lazer anexa às obras inicialmente utilitárias, como terminais rodoviários, para além dos usos utilitários prioritariamente propostos.

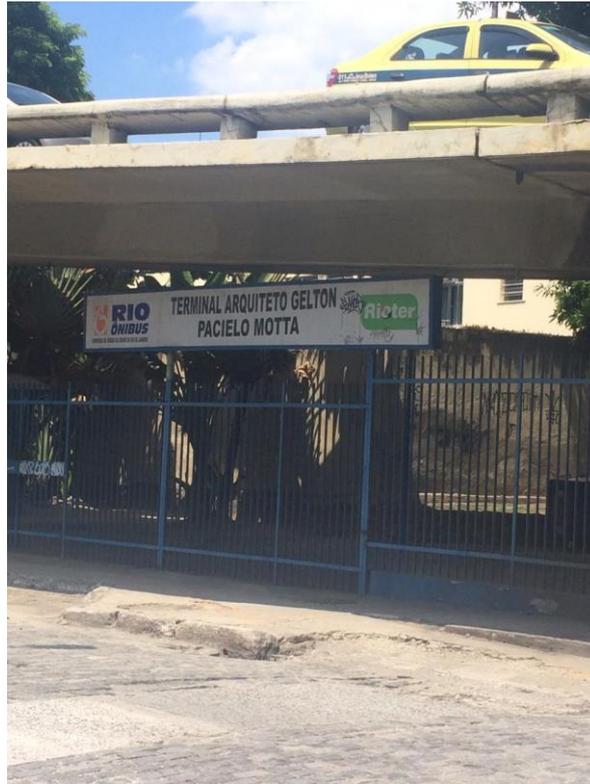


Figura 5. Entrada principal da praça anexa ao terminal (fotografia: Tamara Souza, 2020)

A rampa foi construída em uma proporção considerada pequena para outras rampas do mesmo modelo (formato em u) e, como exposto, possui a sua frente em pequeno largo de passagem delimitado por um grande banco de cimento em formato de semicírculo. A construção sugere um lugar de espera ou de contemplação para a pista de skate. É fundamental entender a disposição física deste território colaborando para a dinâmica de sucesso da roda cultural.

Dois aspectos são defendidos como hipóteses fundamentais para a existência e consolidação da roda com um movimento proeminente: a fácil mobilidade urbana e as características físicas carregadas de simbolismos no espaço físico onde o evento é realizado. Com o local de realização do evento sendo oficialmente parte do terminal rodoviário principal do bairro, ele atrela as duas vantagens territoriais que tratamos como fundamentais, com localização privilegiada e arquitetura propícia a um evento de cultura urbana.

Evidentemente, como será observado nos demais capítulos, o sucesso da roda não pode ser creditado somente às características espaciais de seu ambiente,

que se esvaziaria de sentido sem o trabalho constante dos organizadores e o interesse e movimentação constante do grupo, tal qual afirma Boas (2005, p. 61), “As condições ambientais podem estimular as atividades culturais existentes, mas elas não têm força criativa. O mais fértil solo não cria a agricultura, as águas navegáveis não criam a navegação (...)”.

Assim para esta análise, a soma de aspectos territoriais e de territorialidades, físicas e simbólicas, tornam este um objeto de estudo adequado para discorrer sobre a ocupação do espaço público e direito à cidade, uma vez que na Roda Cultural do Méier, justamente esses aspectos físicos e simbólicos se articulam de maneira ímpar, possibilitando o aprofundamento das análises.

Quanto aos aspectos territoriais, com ponto de ônibus na porta, uma pista de skate como cenário, um grande banco circular para abrigar e delimitar o local do público, a localização preciosa da praça, ao lado de um terminal de ônibus e no mesmo quarteirão de um polo gastronômico do bairro, repleto de bares e restaurantes frequentados por um público boêmio e festeiro, propiciam uma série de vantagens, que auxiliam no sucesso e tradição da roda, em seus 9 anos de atividades.

## **CAPÍTULO 2 - A RODA CULTURAL DO MÉIER**

### **2.1. Como nasce e se desenvolve a Roda Cultural**

O movimento das Rodas Culturais no Rio de Janeiro, em que está inserida a Roda Cultural do Méier, inicialmente definia seus encontros como “Rodas de Rima” e posteriormente como “Rodas Culturais”, ao absorverem além da rima e música tradicionais do Hip Hop, manifestações variadas da cultura urbana, como atividades de Slam, skate e circo, além de se organizarem com uma série de propostas para o espaço e realização de eventos conjuntos. Esses encontros foram originados a partir do CIC(Centro Interativo de Circo), local que promovia debates, oficinas, espetáculos, exposições de grafite e, principalmente, batalhas de rima, na Lapa, centro da boemia carioca da cidade.

Assim, por volta dos anos 2000, como retratado no documentário L.A.P.A, a iniciativa jovem criou um ponto de encontro que fomentava uma alternativa de produção cultural, geração de renda e entretenimento, realizada na Fundação Progresso, em um espaço cedido ao grupo, como explica um dos agentes fundamentais para criação do CCRP e fundador do CIC, Gerard Miranda, em entrevista à pesquisadora Rôssi Alves:

(...) foi o berço e estabeleceu condições para a criação e a afirmação das batalhas; como também foi uma afirmação, na Lapa, de grafite, break, DJs e, por muito tempo, foi a casa do hip-hop carioca, abrindo espaço para todos MCs de todas as comunidades, incentivando, motivando e multiplicando o hip-hop em todas as suas formas. (ALVES, 2013. p.20)

Quando os frequentadores não puderam mais se utilizar do espaço, passaram a ocupar a frente da Fundação Progresso, rimando e realizando uma versão improvisada do evento que não poderia mais ser feito no espaço convencional. Neste ápice de criatividade e com estímulo de agentes participantes e

frequentadores, o encontro começa a se propagar por outros bairros com formatos variados, através da iniciativa de jovens como Igor Bidi e Djoser Botelho. A partir do CIC, surge o CCRP, Circuito Cultural de Ritmo e Poesia, coletivo idealizado por jovens que pretendiam descentralizar a Lapa como ponto do movimento cultural na cidade, ativando em seus bairros, reproduções daquele tipo de evento.



Figura 6. Logo CCRP elaborada em 2014 (fonte: Facebook oficial do CCRP,2014)

Ao buscarem a rua como ponto de encontro, ocupando praças e viadutos, em diferentes regiões do estado, passam a surgir demandas diferentes de organização e gestão para os encontros. A partir daí as rodas se desenvolvem, ganham corpo e notoriedade, além de articulação política e gestão própria, construindo até um estatuto interno, que define os requisitos para poder participar e implementar rodas de rima integradas ao circuito CCRP. Estima-se que entre 2014 e 2018 havia cerca de cinquenta<sup>2</sup> Rodas Culturais espalhadas pelo estado do Rio de Janeiro, diferenciando-se até mesmo dos eventos de rap, criando um novo nível de manifestação dentro da cultura do rap fluminense,

(...) é importante ressaltar que há rodas culturais e batalhas de rima. A princípio, uma roda cultural contempla várias atividades artísticas,

inclusive a batalha de rima, e defende a ocupação do espaço público. Uma batalha de rima pode sustentar-se apenas com a disputa de MCs, realizando-se, também, em espaços privados. (ALVES, 2013. p.21)

Assim, entende-se que para além de um encontro no espaço público entre jovens amantes da Cultura do Rap Carioca, as rodas culturais tornam-se ações socioculturais com propósitos bem definidos, de interação, atividade cultural e entretenimento, mas também de revitalização e transformação do espaço físico.



Figura 7. Roda de Rima do Méier, gravação para entrevista ao SBT (fonte: Facebook oficial do CCRP,.;2016)

A Roda Cultural do bairro do Méier inicia suas atividades oficialmente integrada ao CCRP a partir de 2013, com objetivo de trazer ao bairro, uma opção de lazer voltado à cultura urbana, totalmente promovida por jovens e voltada à cultura do Rap e Hip Hop. Tradicionalmente conhecida pelos encontros sempre às quartas-feiras, de 19h até meia-noite, na Praça do Skate (MiniRamp), a Roda teve um momento progresso fundamental em sua historicidade: era, em 2012, informalmente realizada em um estacionamento abandonado localizado no Polo Gastronômico conhecido como Baixo Méier, disputando espaço com os carros e comércio local,

que sentia na agitação promovida, certa disputa, por se localizar justamente no estacionamento de possíveis clientes e extremamente próxima aos bares e restaurantes.

Quando em 2012, o que viria a ser um movimento embrionário para a Roda do Méier começou, não havia uma organização própria, estrutura de luz e som, e nem mesmo uma organização interna. Os encontros ocorriam até meados de 2013 sem muito planejamento, somente com a regra de serem realizados às quarta-feira, com público entre 20 a 30 pessoas, com os MCs em roda, que rimavam na maioria das vezes à capela, já que contavam com a utilização de instrumentos quando, às vezes, eram levados aos encontros. Nesse período, não havia segundo os organizadores responsáveis pelo formato de Roda atual, iniciada em 2013, intenção de formalizar ou organizar esses encontros de forma mais estruturada, ou mesmo a intenção de que pudessem ser legitimados como uma das Rodas Culturais integrantes do Circuito Cultural de Ritmo e Poesia.



Figura 8. Estacionamento do Baixo Méier (fotografia: Tamara Souza, 2021)

Na movimentação que parece tradicional às expressões culturais independentes, o sentido de coletividade e participação imperam, tendo os próprios frequentadores mais interessados, manifestado o interesse de participação, melhoria dos encontros, ajustes e modificações. Dentre estes jovens, encontram-se os atuais organizadores da Roda Cultural do Méier, em especial um agente fundamental para este trabalho de pesquisa: Don Allan Marola. Gestor cultural, produtor independente, organizador e Porta Voz principal da Roda Cultural do Méier, é creditado a este agente a organização da Roda no formato condizente com o CCRP, bem como sua migração e organização, do antigo estacionamento para a Praça do Mini ramp, quase ao lado. Com um time variando em quase uma década, entre três a cinco organizadores, a Roda Cultural do Méier certamente não teria o mesmo formato sem os produtores Don Allan Marola, Fabrício Mello, Fabio Broa e Dom Negrone.

O organizador forneceu três entrevistas para este trabalho, além de diversos materiais complementares para que fosse possível entender como o encontro nasceu e se consolidou na região, com atividades ininterruptas em nove anos de existência. Segundo Allan Marola, foi através da organização interna, migração para o espaço da praça de skate e constante diálogo com o poder público e comércio local, além da organização por parte dos produtores de parcerias comerciais, institucionais e de publicidade, que a Roda Cultural do Méier ganhou corpo para se destacar entre as demais rodas do circuito. Transformou-se na Roda com um dos maiores quantitativos de público entre as demais Rodas Culturais, mesmo estando em um espaço físico menor que o de outros eventos.



Figura 9. Roda de Rima do Méier (fonte: Facebook oficial do CCRP, 2018)

Para a consolidação da Roda do Méier também são observadas questões específicas da administração e produção promovida pelos agentes culturais. A roda se empenha em suas relações externas, buscando sempre um contato próximo com os vizinhos e com o comércio local, fechando parcerias, realizando o evento em horário tido como “familiar” e promovendo constantemente ações para melhoria do espaço, tanto no que tange a seu espaço físico como nas questões de convívio. Na roda cultural do Méier, por exemplo, é comum vermos um público mais jovem e também muitas famílias com crianças de colo. O clima de convívio é reforçado sempre pelos organizadores, que enfatizam regras específicas, como a proibição de fumar maconha, pedidos para evitar permanência após horário de encerramento, preservação da praça e diálogos argumentativos sobre pichação. Tudo, segundo os organizadores, para atrelar ao evento sua marca como um protetor e benfeitor daquele espaço físico, com propósito de zelar por aquele local e utilizá-lo como um propagador de cultura e lazer gratuito no bairro.

De 2013 até 2019 realizou uma série de atividades complementares à atração principal do evento (a roda de rima), seguindo à risca os preceitos do CCRP, com realização de oficinas culturais, exibição de documentários, campanhas de arrecadação de alimentos e agasalhos, shows gratuitos com figuras ilustres do Rap, participação em programas de TV e documentários. Nos encontros, é sempre

comum observar um público com faixa etária diversificada, a maioria jovens, mas também participam crianças e pessoas mais idosas. A partir de 2019, principalmente em 2020 e 2021, devido a pandemia do Coronavírus, as atividades foram aos poucos migrando para o ambiente virtual, chegando em abril de 2021, quando foram realizadas uma série *lives*, com versões totalmente online dos encontros, mantendo a realização da roda mesmo em um período tão difícil para o setor cultural.



Figura 10. Exibição do *Documentário Na Humildade: 15 anos depois* (fotografia: Autor Desconhecido, 2018)

## 2.2. Territorialidades: Resignificação simbólica do espaço público

Para resistir no mesmo espaço físico, ano após ano, com mudanças na cena das Rodas Culturais, na mobilidade urbana na cidade, alteração de equipe e, principalmente, nas políticas públicas culturais, é preciso solidificar o movimento, com conquistas contínuas e resistência constante. O valor da ideia, a afetividade, a valorização dos agentes culturais que, mesmo sem renda, entregam sua criatividade diária, sua força de trabalho para a manutenção da Roda. As territorialidades são os pontos afetivos e não materiais relacionados à valorização da Roda Cultural do Méier, gerando uma resignificação simbólica. Como observado, ao começarem a se estruturar, o grupo interessado no oferecimento contínuo de uma ação na região ligada à cultura Hip Hop, decide sair do antigo estacionamento e ocupar a praça em

frente a ele, no outro lado da rua, havendo para essa mudança uma série de dificuldades: a praça vivia fechada, com cadeados, e era também ponto de venda e consumo de drogas, lixo e descarte de furtos. Totalmente abandonado, o local era além de invisibilizado, rejeitado pelos moradores da região. Assim, para a realização dos encontros, foram necessárias mudanças estruturais, como limpar o local, iluminá-lo, pintá-lo, mas, principalmente, alterar o imaginário do público sobre aquele espaço: ocupá-lo com arte.

Percebe-se, então, que as mudanças físicas instauradas servem como propósito inicial de contribuir para dar visibilidade àquele espaço e aos novos ocupantes, demonstrando através de ações voluntárias como um mutirão de limpeza e pintura, que aqueles jovens eram zeladores, dispostos a ocupar, cuidar e manter aquele lugar antes abandonado. Isso auxiliou a superar a impressão talvez muito distante, da que inicialmente tinham os comerciantes sobre o evento, antes realizado no posto, mais associado ao improvisado e a algum tipo de “arruaça juvenil”. Essa intenção bem nítida de iniciar a transformação simbólica da praça a partir de sua mudança física, fica evidente no depoimento de Don Allan Marola, organizador até hoje, da Roda Cultural do Méier, concedido para minha pesquisa, segundo ele,

Com a roda, mudou a visão que os moradores do bairro tinham sobre a praça, os skatistas começaram a treinar mais lá, pais levavam bebês para brincar no dia a dia, a praça não era mais trancada, não tinha mais morador de rua, até os grafites que fizemos deram uma cara mais alegre. A gente sempre teve a preocupação de mostrar pra todo mundo, morador, comerciante, que a gente só queria cuidar do local e usar ele pra um evento de cultura, de arte, sem bagunça! Então as pessoas viram como ali mudou, deixou de ser perigoso, virou um local alegre e passaram a acreditar na gente! (MAROLA, 2020)<sup>3</sup>

As transformações físicas naquele espaço ficaram evidentes com o passar do tempo, com o trabalho voluntário e a captação de recursos feita a partir de parcerias, patrocínios e, até mesmo, através da participação em editais e concursos.

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida por Don Allan Marola à autora, em 01/08/2020.

A transformação simbólica, no entanto, começou forte e pulsante logo nos primeiros encontros, sempre marcada pelo cuidado dos organizadores e o senso de responsabilidade sobre o espaço. Com o microfone e o som, a mensagem se espalhava mais alto, podia ser percebida pelos vizinhos, no microfone, o compromisso com a arte era sempre ressaltado. Os horários sempre rígidos e a realização dos encontros todas às quartas, começaram a criar uma área de rito.

Essa relação entre o espaço físico e o simbólico, a importância desses aspectos de territorialidades trazidos a partir da análise da implementação da Roda no espaço da Praça do Skate, não só com as mudanças estruturais promovidas, bem como as culturais, são de análise fundamental, como afirma Milton Santos (1997, p. 214), ao afirmar que “uma dada situação não pode ser totalmente compreendida, se ao ser objetivamente analisada, não forem também consideradas as relações intersubjetivas que as caracterizam”. Assim, o evento na praça passou a ser, além de desejo, uma obrigação semanal de muitos jovens, que não perdiam uma única quarta-feira. Estar na roda de rima, assistir seus amigos, participar com gritos e palmas, observar os skatistas na rampa, saber sobre o trabalho árduo e voluntário dos organizadores, gerava uma sensação de pertencimento nos participantes, que ao passar do tempo se tornavam também comprometidos e interessados. O espaço físico, antes abandonado, cria contornos familiares, é apropriado e ressignificado simbolicamente pelos frequentadores, sendo comum, ser mencionado como “casa” ou “nossa praça”.

Uma preocupação muito específica da Roda Cultural do Méier, narrada por seus próprios integrantes, como ponto de diferenciação entre outras rodas do Circuito CCRP, é também a ressignificação do próprio evento da Roda de Rima ou Roda Cultural, por exemplo através de ações pouco usuais nas rodas de rima, como a proibição do uso da Maconha durante os encontros, com abordagens até mesmo contundentes no microfone. Para o grupo, essas e outras pequenas ações, como o cuidado para que os jovens estudantes levem blusa social e retirem os uniformes no evento (já que é comum a participação no encontro de estudantes da rede privada e da pública) são ações educativas que objetivam manter o enfoque cultural do movimento e descaracterizá-lo como meramente “festivo”, além de trabalhar a

consciência coletiva dos frequentadores sobre a importância do diálogo com as instâncias de controle do Estado. Essa abordagem é bem diferenciada do que é observado em outros encontros, e segundo os organizadores seriam parte dos itens que garantiram o sucesso da roda, com a boa relação com a vizinhança, constantes parcerias comerciais e até mesmo o bom relacionamento com os frequentadores, que veem nos organizadores figuras representativas como “mestres” ou “exemplos”. As Rodas Culturais pretendem até no nome, preencher com novos sentidos a Cultura Rap Carioca, dialogando com outras tribos e narrativas, buscando superar o estigma marginalizado que o movimento carrega no imaginário popular e perante as instituições tradicionais de poder. Sem descaracterizar as temáticas usuais do Hip Hop, o movimento das Rodas Culturais propõe o enfoque em temas como a revitalização do espaço público e ações socioculturais de impacto através de um movimento cultural. ressignificando a transformação física e as ações socioculturais promovidas

Na Roda do Méier, a preocupação contundente em ressignificar os encontros como um “evento de família” para, segundo os organizadores, “desmarginalizar” a visão que as pessoas têm usualmente sobre o Rap e seus admiradores, sempre foi colocada como questão. A organização desde o início se preocupava que os encontros pudessem também ser atraentes para moradores, pessoas de todas as faixas etárias, como crianças ou idosos. Para isso, constantemente os organizadores se preocuparam com essa ressignificação do caráter do evento, para além da transformação física, se comprometendo na transmissão de uma imagem positiva do encontro e de seus participantes, tomando decisões de gestão muitas vezes impopulares, como a preocupação constante de impedir o uso de drogas no espaço, o respeito à Lei do Silêncio, o cuidado na proibição de venda de bebidas alcoólicas para menores. Como narra o organizador Allan Marola, quando perguntado sobre qual o principal diferencial da roda para as outras do circuito, e no que creditava o sucesso da roda, ininterrupta há quase uma década,

Essa preocupação de manter um espaço “Família”, com foco na cultura, na arte, e não ser encarado como festa, bagunça. Na roda do Méier, por exemplo, eu sempre sou até meio chato quanto a isso

de fumar, foi sempre uma proibição, chamo a atenção no microfone sobre pessoas fumando ou usando qualquer droga, lembrando que várias pessoas diferentes frequentam a roda e se o foco é manter ela acontecendo a gente precisa deixar o foco em cultura, na música, no hip hop! (...) então manter sempre essa organização e a visão de que o foco da roda, mesmo sendo um evento (...) é a cultura, mudou o olhar das pessoas, dos moradores, do comércio... os frequentadores começaram a ver o trabalho da roda diferente, respeitar. (MAROLA, 2020)

Fica evidente a preocupação de preencher o espaço com novos simbolismos, a fim de mudar o imaginário local sobre o encontro dos jovens e sobre a própria cultura do *Rap*, focando na revitalização física e social do espaço a partir da ocupação artística. Trazendo os frequentadores, de meros espectadores de um evento de entretenimento para a ótica de verdadeiros transformadores, ativistas sociais que usam como principal ferramenta a arte e a música. Assim, a notoriedade da Roda Cultural do Méier, é reconhecida por todos os amantes da Cultura *Underground*, como um case de sucesso e inspiração, tal como afirma a pesquisadora Rôssi Alves, no livro *Rio de Rimas* (ALVES, 2013, p.109):

Não há frequentador de roda cultural no município do Rio de Janeiro, e até mesmo nos municípios vizinhos, que não conheça a fama da Roda Cultural do Méier. É a roda mais pulsante do CCRP e, talvez, dentre todas as outras do estado do Rio de Janeiro. O apelo que a roda possui deve-se à exemplar organização do espaço público feita por Don Allan Marola, Fabio Broa e Fabricio Mello.

### **2.3. Consolidação da Roda Cultural do Méier: estratégias e diálogo**

Além de chamar a curiosidade de moradores e comerciantes locais, como toda movimentação no espaço público fora dos usos inicialmente previstos do espaço pelo poder hegemônico, o evento começa a chamar a atenção também das esferas públicas, principalmente aquelas de controle, como a PM e a subprefeitura local. Comum em todas as rodas culturais, entra em cena uma faceta de muitos

conflitos e embates: a repressão policial e institucional. Os organizadores geralmente enfrentam dificuldades comuns no tratamento com as esferas públicas, que com muitas instâncias, tornam a busca pelo processo de legalização muito confusa e dispersa. Não saber a quem recorrer e o que é preciso para realizar um evento cultural no espaço público, ou mesmo buscar por apoios simples, como luz e energia para equipamentos, segurança ou banheiros químicos, são por vezes dificuldades comuns para as rodas culturais.

Na Roda Cultural do Méier esses conflitos institucionais tornaram-se mais brandos, pela preocupação muito precoce dos organizadores em tentar tornar o encontro mais profissional possível. Em 2013, o primeiro esforço de limpeza do espaço já atraiu moradores e comerciantes locais que começaram a apoiar o evento concedendo luz. A busca pelo diálogo com a polícia local sempre esteve presente, com muita conversa para trazer o caráter de ocupação cultural e transformação social aos policiais locais, quando vez ou outra, o encontro chamava atenção de uma viatura passante. Já no primeiro ano de roda, os organizadores buscavam o batalhão local, a fim de conseguir autorizações ou, pelo menos, avisar que estavam realizando um encontro todas às quartas-feiras, e que a atividade tinha um caráter benéfico ao bairro. A organização de diálogo constante com o poder público foi fundamental para que a Roda do Méier não sofresse repressão policial constante, bem como o apoio dos moradores e comerciantes também favoreceram na legitimação do evento, que ao longo dos anos, juntamente com o CCRP foram estreitando relações com a Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro.

Mesmo com a organização coletiva das rodas culturais dentro do CCRP, com compartilhamento de informações legais, reuniões com a esfera pública, realização de petições, manifestos culturais e elaboração de documentos com orientações administrativas, sempre cabe aos organizadores buscarem nas esferas locais a legitimação de que precisam para realizar o evento da melhor forma possível. Assim, a Roda do Méier, com a preocupação constante com a legalização do evento e diálogo com os poderes locais, consegue manter seu evento através dos anos e diminuir consideravelmente um dos motivos principais que levam as rodas a interromper suas atividades: o constante embate com a polícia local repressora e a insatisfação local de moradores e comerciantes.



Figura 11. Organizadores da RCM no 3º Batalhão de Polícia Militar-PMERJ, localizado no Méier (fonte: Facebook oficial do CCRP, 2015)

Com ações de aproximação e diálogo, os organizadores conseguiram diminuir o problema de repressão policial, constante em outras rodas, mas por outro lado, continuaram com outros embates que podem ser observados em demais fatores, como a falta de legitimação institucional da esfera pública e a dificuldade de obtenção de recursos financeiros. Mesmo sem grandes conflitos na questão da repressão policial, a dificuldade para obtenção de uma relação que deveria ser de direito de todas as rodas, é constantemente citada. Os organizadores lidam em todas as rodas culturais com diferentes dificuldades para realização, mas em comum, todas clamam a legitimação do poder público, através da qual os organizadores esperam conseguir realizar plenamente seus eventos.

Para consolidação do grupo foco desta análise, foram consideradas como principais dificuldades, as descritas abaixo:

<b>Principais Dificuldades informadas pela Roda Cultural do Méier</b>
---

1- Apoio Financeiro pela esfera pública
---

2- Mudanças na gestão pública (troca de prefeitos e cargos de decisão)
--

3- Burocratização para legalização do evento
--

Tabela 1. Principais dificuldades da Roda Cultural do Méier (Elaboração: Tamara Souza, 2021)

Em paralelo, foram observadas em outras rodas de rima:

<b>Dificuldades encontradas em outras Rodas ( RCM x Roda de Vila Isabel x Quarta Under (freguesia) )</b>
--

1- Repressão Policial constante
---------------------------------

2- Insatisfação dos Moradores
-------------------------------

3- Insatisfação do Comércio Local
-----------------------------------

Tabela 2. Dificuldades encontradas em outras rodas (Elaboração: Tamara Souza, 2021)

Para comparativo entre as rodas culturais mais próximas ao bairro do Méier, foram feitas pesquisas de campo, entre 2016 à 2019, também nas Rodas Culturais de Vila Isabel e Freguesia, entrevistando organizadores e participantes, além de entrevistas específicas com os organizadores da Roda Cultural do Méier e da Roda Cultural de Vila Isabel, também em 2020 e 2021. Na análise cruzada dos depoimentos dos organizadores e na minha frequência aos encontros de diversas rodas culturais do Rio de Janeiro, foram mapeados alguns pontos muito específicos de diferenciação entre a Roda Cultural do Méier e demais rodas, sendo utilizadas para comparativo, principalmente as Rodas geograficamente mais próximas, como as citadas na Tabela 2. Foram observadas, assim, três diferenças principais nos itens citados como principais dificultadores da realização da Roda, que são demonstrados aqui com objetivo de entender quais os principais desafios para a consolidação da RCM (Roda Cultural do Méier), como uma das mais proeminentes do circuito e uma das únicas a permanecerem ativas por quase uma década.

Entendeu-se que na Roda Cultural do Méier, estranhamente, certas dificuldades comuns à maioria das rodas culturais do circuito não eram citadas como significativas por seus organizadores, observando que tal feito, devia-se a

metodologia única de gestão e execução do evento, que era implementada ativamente pelos seus organizadores, como o diálogo com a esfera policial e a organização profissional do evento, buscando parcerias comerciais e apoios diversos.

Assim, foram observados que uma metodologia própria de gestão, para além das ações replicadas nas Rodas integrantes do CCRP garantiu ao grupo certa notoriedade perante outros encontros, onde o sucesso na frequência de pública crescia proporcionalmente à organização profissional mantida pelos integrantes, que gerava frutos como parcerias institucionais e comerciais recorrentes. A revitalização física promovida inicialmente no espaço físico e o comprometimento com a organização do evento, garantiram a aceitação dos moradores enquanto a preocupação em legalizar burocraticamente o evento, foi aproximando o grupo das esferas institucionais locais, vendo seriedade na proposta.

O comércio local, inicialmente preocupado com a agitação desorganizada e no estacionamento de seus clientes, passou a enxergar na Roda do Méier uma parceria de sucesso, que ao atrair mais e mais jovens ao bairro sem ter no comércio de bebidas um foco, acabava movimentando os bares, que ficavam lotados ao término dos eventos da Roda. A mesma movimentação também começou a instigar outros comércios locais, como marcas de roupas e artigos de skate, que fechavam parcerias. Os próprios organizadores após as primeiras parcerias comerciais, começaram a buscar diferentes formas de promoção e apoio nas lojas de amigos e conhecidos, como também se propuseram a realizar anualmente uma ação especial em cada aniversário da Roda.

Toda essa movimentação, chama também a atenção do Centro Cultural João Nogueira - O Imperator, que após se estabelecer no Méier, logo fica sabendo do movimento cultural local e chama os jovens organizadores da RCM para integrarem a grade de atividades do Centro Cultural, com criatividade e autonomia para propor ações. Surge assim, no fim de 2013 o projeto *Arte Urbana no Terraço*, que levava ao Imperator, no segundo domingo de cada mês até 2016, uma versão da Roda, com batalha de rima, estrutura de show e premiações variadas. Além dos eventos mensais, também foram elaborados e executados pelos organizadores da Roda Cultural do Méier, uma série de ações que envolviam shows de *Rap*, debates

sobre as Rodas Culturais, exibição de documentários e palestras. É interessante afirmar que a partir dessa parceria os organizadores passam a ser legitimados como gestores culturais independentes pelas instâncias institucionais, onde a capacidade de gestão e planejamento do grupo são cada vez mais reconhecidas. A partir daí o grupo também participa de editais e uma série de ações socioculturais, organizando ainda oficinas de rima e *hip hop* dentro do Circuito Sesc, além de oficinas independentes em escolas da região do Grande Méier. Outro exemplo desse empenho, foi a ação elaborada para o aniversário de três anos da Roda Cultural do Méier, onde os organizadores ocuparam uma das principais praças do bairro (Praça Agripino Grieco), realizando um grande evento que atraiu cerca de cinco mil pessoas (segundo os organizadores), em uma grande estrutura de palco, iluminação e som, que apresentou shows especiais, batalha de MCs e variadas atrações, numa grande festa.



Figura 12. Comemoração de três anos de atividades de Roda Cultural do Méier (fonte: Allan Marola, 2021)

Ainda em 2021, a Roda continua sendo considerada um exemplo para outras ocupações do espaço público em pontos como o diálogo com as esferas públicas e em sua organização técnica, quando em um cenário controverso como o do isolamento social, o grupo consegue elaborar e executar uma versão digital do encontro, através de projeto submetido e premiado pela Secretaria Municipal de Cultura através da Lei Aldir Blanc.

Sem dúvida, conforme a hipótese de pesquisa aponta, os aspectos territoriais são marcantes para a concretização das atividades da Roda Cultural do Méier, mas a marca diferencial do grupo perante tantas outras rodas do circuito CCRP fica em um aspecto imaterial, dada pelo modelo de gestão elaborado por seus organizadores, que aplicam na Roda Cultural um planejamento sério e criterioso de ações culturais onde os integrantes a todo momento buscam parcerias e novos horizontes de propagação da cultura das Rodas Culturais, tornando-se gestores de projetos culturais complexos e dialogando constantemente com as esferas públicas e institucionais.

Conforme veremos no próximo capítulo a negociação com o poder público e com as esferas tradicionais de poder são fundamentais para a manutenção e perpetuação do movimento cultural estudado, deixando evidente a dimensão política presente nesse jogo de intervenção e transformação física e simbólica de espaços públicos.

## CAPÍTULO 3 - A LEGITIMAÇÃO DE UM MOVIMENTO CULTURAL

### 3.1. Ativismo político e agentes locais

Como observado ao longo do trabalho de pesquisa, a dimensão política da manifestação cultural das Rodas é declarada pelos constantes embates e negociações que os agentes locais precisam fazer com diferentes esferas de poder para garantir o funcionamento de suas atividades. O tom de impasse, característico entre poder público e sociedade civil e que pode ser observado em todas as ocupações do espaço público, parece alcançar níveis mais profundos quando tais movimentos partem da iniciativa jovem, sobretudo se forem grupos culturais contra hegemônicos. Se as Rodas Culturais, representadas nesta pesquisa pela Roda Cultural do Méier, são identificadas como contra hegemônicas, o poder hegemônico é representado, principalmente, pelas instâncias responsáveis pela implementação e gestão de políticas públicas de Cultura para a cidade do Rio de Janeiro.



Figura 13. Folder Digital do projeto *Live Roda Cultural do Méier* (fonte: Instagram oficial do CCRP, acessado em 2021)

Nesse jogo, onde o produto alcançado é a legitimação pelo órgão controlador do Estado de um movimento cultural através da garantia de legalização de suas atividades e estímulo às suas práticas culturais, surge em pauta uma

importante ferramenta em campo: o agente local. Esse agente é aqui identificado como todos os representantes do movimento cultural em questão, frequentadores das Rodas Culturais, que em menor ou maior nível, contribuem cotidianamente para a propagação das atividades da Roda e sua promoção.

Primeiramente, analisando a Roda do Méier, identifiquei esses agentes agrupando-os por características comuns, cada um com sua definição. Os agentes locais diretos são identificados como aqueles que realizam a atividade cultural principal do movimento. Em outras palavras, aqueles que lidam com o desenvolvimento do evento e seriam os maiores interessados na atividade-fim dos encontros: produtores/organizadores da Roda, MCs, DJs e músicos. Toda a cadeia de fazedores culturais diretamente ligados à Roda. Esses agentes seriam também os primeiros a se engajar politicamente no que tange à legitimação do movimento cultural das Rodas, por serem os primeiros a sofrerem as consequências do possível interrompimento das atividades, além de serem os primeiros também a criarem um laço de pertencimento e afetividade com a ação cultural e seu território físico.

Seguidos por esses agentes, estariam os frequentadores da Roda que conhecem o evento, participam dos encontros e passam, a partir daí, a reconhecer o valor positivo na atividade. Esses agentes, identificados por mim como “agentes consumidores”, independentemente do nível de frequência na Roda ou de identificação com os aspectos culturais trabalhados no espaço, são afetados pelo campo em diferentes níveis, também promovendo o movimento cultural e partilhando o desejo de sua legitimação, organizando-se politicamente quando solicitado. Não obstante, identifiquei também na Roda Cultural do Méier (o que acredito ser passível de verificação em outras Rodas) a presença de agentes híbridos, grupo no qual acredito me incluir. Esses agentes híbridos são uma mistura entre agentes locais diretos e agentes consumidores, ora participando ativamente do evento ou das movimentações políticas em torno da legitimação do trabalho do grupo, ora limitando-se como consumidores de um produto cultural.

O longo tempo de existência da Roda do Méier, além de ajudar a identificar esses diferentes personagens do movimento cultural, permitiu que se pudesse observar uma tendência de imersão, para além da simples movimentação de posições dentro do grupo. Essa tendência de imersão é gradativa e se define por

uma tendência de maior envolvimento e participação ativa nas atividades da Roda, caracterizando-se pela imersão também no ativismo político. Portanto, em função do encantamento pela manifestação cultural, é comum que os espectadores da Roda Cultural saiam da posição de meros frequentadores e passem a se identificar como integrantes e defensores do movimento cultural representado pelas Rodas Culturais. Assim, é comum no ambiente das rodas que muitos MCs surjam da plateia e que muitos apresentadores, DJs, fotógrafos e produtores tenham seu primeiro contato com suas atividades após as descobrirem na Roda.

O mesmo se pode dizer da militância política, que é crescente e surge a partir da necessidade, cada vez maior ao longo dos anos, do grupo se organizar politicamente para manutenção e estímulo de suas atividades. Ao realizarem uma ocupação artística no espaço urbano, esses jovens se sentem integrantes de um movimento maior, repleto de sentidos, em que a luta por legitimação não se limita ao reconhecimento de suas ações, tratando-se também de questões como ocupar espaços onde eram renegados, ter e dar voz a ações semelhantes. Acerca dessa possível descoberta, acrescento ainda a afirmação de Rancière (2012, p. 60) sobre a política:

Tal como Platão nos ensina a contrário, a política começa quando há ruptura na distribuição dos espaços e das competências - e incompetências. Começa quando seres destinados a permanecer no espaço invisível do trabalho que não deixa tempo para fazer outra coisa tomam o tempo que não têm para afirmar-se coparticipantes de um mundo comum, para mostrar o que não se via, ou fazer ouvir como palavra a discutir o comum aquilo que era ouvido apenas como ruído dos corpos.

Inicialmente, como colocado por muitos MCs durante a pesquisa, a intenção da ocupação cultural proposta pela Roda Cultural era a de trazer para o seu bairro uma opção de entretenimento ligada ao interesse daquele grupo. Os jovens não se sentiam contemplados pelas opções culturais oferecidas em seus bairros, o que muito tem a ver também com a deslegitimação de ritmos e manifestações culturais como as do *Hip Hop* e *Funk* (manifestações fortemente arraigadas à cultura negra e periférica). Os jovens, então, criam suas próprias iniciativas para difundir e viver o

Rap, afetados também pela situação dos demais movimentos culturais renegados, como o circo, o **Slam**, o Xarpi, entre outros.

Amalgamados então se articulam, tornando praças e demais espaços urbanos como ponto de encontro e culto, não só ao rap, mas também a outras expressões artísticas culturais que se sentissem próximas. Essa primeira movimentação das Rodas, de não serem exclusivas aos amantes das batalhas de rima, traz uma noção de compartilhamento do espaço e união que por si só já é política, representativa da articulação entre grupos marginalizados e periféricos, buscando juntos alternativas para além dos espaços e opções tradicionais de consumo cultural, onde eram renegados.

Com o passar do tempo, tal como é comum em toda ressignificação do espaço físico, onde os moradores preenchem os projetos arquitetônicos com vida e criam para eles novos usos para além do planejado e autorizado pelo Estado, tensões e conflitos sempre aparecem. Mas, o senso de coletividade e família, tão atrelado aos princípios do *Rap*, faz com que produtores e frequentadores busquem, semana após semana, a garantia de permanência de suas atividades, organizando-se e informando cada vez mais. Tomando cada vez mais suas vozes no jogo político ao verem que sem a legitimação das esferas públicas de cultura seria muito difícil manter sua ocupação cultural.

Para além de manter as atividades, conforme as transformações no espaço público são sentidas e o reconhecimento geral do bairro cresce, desenvolve-se também um sentimento de revolta diante das injustiças que sofrem, como colocado pelo entrevistado, rimador e grafiteiro, MC CLIC Art (2019),

Se ocupamos um território, oferecemos uma atividade cultural gratuita, melhoramos a segurança e o ganho [econômico] da região, por que precisamos fazer isso passando por tanta dificuldade? É quase como se a gente fosse criminoso? Sendo que além de termos direito de estar aqui, numa praça pública, a gente traz melhorias, cuida, faz evento.

Então todo mundo tem que saber qual a lei existe, o que falar numa dura policial, qual lei recorrer, tudo isso.

Observa-se, então, que todos esses agentes, organizados politicamente, vão criando novas ferramentas de enfrentamento ao poder hegemônico e,

principalmente, apontando resultados palpáveis para tanto. Os moradores agem assim como transformadores ativos do cotidiano de seus bairros.

### **3.2. Conflitos, tensões e conquistas para a Roda Cultural.**

A Roda Cultural do Méier foi escolhida como objeto de pesquisa por, como demonstrado, sua força de articulação, por sua luta em se manter e também por ter criado uma metodologia de ação formada por um diálogo ativo com as esferas públicas, principalmente com as Secretarias de Cultura do Estado. Sua trajetória de atividades, considerada regular na cena cultural, enquanto muitas outras rodas encerravam atividades parecia transmitir uma noção de que seus organizadores haviam encontrado um equilíbrio entre apropriação do espaço público e diálogo com as instâncias de poder que poderiam ser consideradas como problemáticas. Além da Polícia Militar e da Secretaria Municipal de Cultura (aqui representantes do controle estatal e poder hegemônico), outros membros da sociedade civil, já estabelecidos, representam grupos de controle ou de conflito para as Rodas, sendo identificados principalmente em dois grupos: o institucional, representado por empresas de serviço e comércio da região, e os moradores do bairro, vizinhos do evento, ou moradores com outras performances de gosto.

A organização política direta, descrita anteriormente neste capítulo, é determinante para o sucesso das Rodas Culturais no Rio de Janeiro, garantindo ao grupo uma série de conquistas que refletem muito esforço e luta, desde sua concepção. Entre os principais indicadores dessa fusão entre organização política e manifestação cultural estão as inúmeras legislações existentes no Estado do Rio de Janeiro, que dizem respeito em específico, ao movimento das Rodas Culturais, também entendidas como Rodas de Rima. Entre esses avanços destacam-se projetos como o *Programa de Desenvolvimento Cultural Carioca de Ritmo e Poesia* e o recente *Programa das Rodas do Rio*, além da reorganização política das Rodas, que passaram a ser representadas por diferentes grupos, além do CCRP, como por exemplo o surgimento da *Liga das Rodas Culturais do Rio de Janeiro*. Vale ressaltar que a Roda Cultural do Méier está inserida nesses dois grupos e se considera

profundamente ativa nas articulações que envolvem a legitimação do movimento das Rodas.

Desde 2012, com o surgimento das Rodas Culturais, até agora, em 2021, destacam-se como principais conquistas políticas a formulação dos Decretos Municipais 36.201/12 e 41.703/15, além da Lei Estadual 7837/2018, que reconhece o Hip Hop como Patrimônio Cultural Imaterial, protegendo-as assim, das ações arbitrárias de policiais. Ainda em 2012 o Decreto Municipal 36.201/1 reconhecia que as Rodas do Circuito Carioca de Ritmo e Poesia são importantes manifestações culturais populares, prevendo uma série de ações, o que permitiu a obtenção, com o passar dos anos, de direitos civis para este grupo.

Para melhor compreensão dessas conquistas, foram mapeadas as legislações e suas temáticas:

<b>Legislações</b>	<b>Principal Conquista</b>
Decreto Municipal nº 36.201/ 2012	Institui o Programa de Desenvolvimento Cultural Carioca de Ritmo e Poesia.
Decreto Municipal nº 38.266/2014	Institui o gabinete Eixo Rio.
Decreto Municipal nº 41.703/2016	Dispensa Rodas do CCRP de obtenção de Alvará para realização.
Projeto de Lei nº186/2017	Visa reconhecer as Rodas de Rima como Patrimônio Cultural Carioca.
Lei Municipal nº 6301/2017	Reconhece as Rodas de Rima como Patrimônio Cultural Carioca.
Lei Estadual nº 7837/2018	Reconhece o Hip Hop como Patrimônio Cultural Imaterial.
Programa Rodas do Rio (previsão)	Programa para mapeamento e

2022 - em elaboração)	promoção das Rodas, incluindo Rodas de Rima, Slam, Samba e Bailes Funk.
-----------------------	---

Tabela 3. Legislações favoráveis às Rodas Culturais (Elaboração: Tamara Souza, 2021)

Ao comparar essas legislações e aprofundar minha pesquisa nesse constante diálogo entre as Rodas Culturais e as políticas públicas de cultura no Rio, observamos que, progressivamente, os avanços políticos acompanham o desenvolvimento do grupo, caminhando junto com a execução das Rodas entre 2012 e 2018, com novos contornos previstos em 2022. Essas conquistas não seriam possíveis sem a articulação dos produtores e frequentadores das Rodas, manifestando-se politicamente por meio de cartas coletivas, petições, protestos e denúncias públicas, contra a repressão e a falta de apoio dos órgãos públicos para a manifestação cultural.

Vale ressaltar que a linha de ação dos dirigentes também interfere ativamente neste jogo de interesses, como observado através da total divergência de posicionamentos entre as gestões dos prefeitos Eduardo Paes (2009 até 2017, e atualmente) e Crivella (2017-2020). Eduardo Paes defendia declaradamente as Rodas Culturais, reconhecendo seu potencial econômico e turístico, inclusive promovendo a criação do Eixo Rio, gabinete diretamente ligado ao Prefeito, que tinha responsabilidade de coordenar o Programa de Desenvolvimento Cultural Carioca de Ritmo e Poesia, demonstrando a vontade do prefeito de promover o movimento de perto, integrando ainda diversos produtores culturais independentes ao gabinete (Como Djoser Botelho, um dos criadores do CCRP). Enquanto isso, ao assumir a Prefeitura em 2017, Crivella desconsiderava todo histórico de diálogo e conquistas do movimento cultural das Rodas, sendo responsável por medidas polêmicas e defender a repressão policial nas Rodas de Rima, Samba e Capoeira.

Após grande movimentação dos produtores e frequentadores das rodas, foi proposto pelo então vereador do PSOL, Renato Cinco, a PL 186/2017, que visava reconhecer as Rodas de Rima como Patrimônio Cultural Carioca. O projeto de lei foi barrado pelo então Prefeito Marcelo Crivella, gerando intensas manifestações nas redes sociais, repercussão na mídia tradicional e um verdadeiro levante das Rodas

Culturais, culminando na derrubada do veto e consequente promulgação da Lei 6301/2017. Foi neste acontecimento, talvez pela repercussão maior, manifestado em um veto direto e ataque público às Rodas, que a dimensão política do movimento floresceu ainda mais.

A diferença entre as gestões da Prefeitura e os diferentes olhares acerca das transformações físicas e simbólicas geradas pela Roda Cultural fez transbordar de vez a importância da articulação política do movimento e da necessidade de enfrentamento direto ao poder hegemônico, com ativa proposição e interferências na promoção de políticas públicas culturais para a cidade. Assim, com muitos protestos na porta da ALERJ, o CCRP e outros movimentos articulados como rodas independentes, ligas culturais, grupos amigos (como capoeiristas, skatistas e representantes do grafite na cidade) articularam-se juntos para a patrimonialização cultural também em nível municipal. Vencedores, todos os agentes pretendiam garantir a realização das rodas pela gestão do então inimigo declarado: Crivella.

A Roda Cultural do Méier, como apresentado, esteve ativa em toda essa movimentação, participando de reuniões com o CCRP, elaborando e participando de protestos físicos e digitais, compartilhando notícias e petições, demonstrando também a importância da dimensão virtual para esses grupos. A partir de 2017, a boa relação que o grupo havia obtido após anos de diálogo com a polícia militar local pareceu arranhada pela nova gestão e pela revogação parcial do decreto que dispensava as Rodas da apresentação de alvará. Segundo os organizadores da Roda do Méier, mesmo quando esse documento não era obrigatório, por costume, eles buscavam obtê-lo e sempre buscavam manter o diálogo com o batalhão local. Mesmo assim, o produtor Allan Marola apontou durante a pesquisa que a realização do evento ficou cada vez mais difícil a partir de 2017, demandando nos anos de 2018 e 2019 muito mais organização interna e mais membros no grupo que organizavam a Roda.

Mesmo passando por dificuldades, o evento se manteve em todas às quartas, até 2020, quando a pandemia do Coronavírus impediu o encontro presencial. Não desestimulados, o grupo se organizou, inscrevendo-se nos editais promovidos pela Lei Aldir Blanc, e sendo contemplados em nível municipal,

recebendo premiação para a execução de edições virtuais da Roda Cultural, em 2021.

Através dos relatos e fatores apresentados, pode ser observado a importância da articulação política e do ativismo político diretamente ligado à promoção de políticas públicas de cultura, além da importância conjunta da implementação de um método de gestão interna e planejamento da Roda Cultural que possa ser mais técnico possível, como fatores fundamentais de desempenho e manutenção das atividades por maior período. Essa organização política demonstra também não só o sucesso obtido pela Roda Cultural do Méier (caracterizado pelo seu tempo de existência), mas também pelo sucesso de todo movimento caracterizado como Roda Cultural, ao conseguir se estabelecer e integrar o jogo político.

Essa linha do tempo gera frutos, como a tendência promissora de que após a pandemia, inseridos novamente no cotidiano de ocupação física das cidades, com reestruturação dos setores culturais e de entretenimento, as Rodas sejam ainda mais valorizadas, por acontecerem em ambientes abertos, de forma gratuita e já representarem parte da memória afetiva da Cidade. Além disso, a retomada de Eduardo Paes como prefeito do Rio de Janeiro, em 2021, vislumbra um cenário em que novamente, as manifestações culturais urbanas de ocupação do espaço público serão valorizadas. Passo forte para isso, é o Programa Rodas do Rio, que está em desenvolvimento pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, que através do portal *As Rodas do Rio*, pretende mapear as manifestações culturais cariocas que se caracterizam pela apropriação do espaço público, como as Rodas de Samba, *Slam*, Rima e *Funk*. Outro fator relevante é, sem dúvidas, a escolha do produtor e ativista cultural Marcus Faustini como Secretário de Cultura da cidade do Rio de Janeiro, que além de possuir uma trajetória política de apoio e defesa à diversos grupos culturais da cidade, montou uma equipe de trabalho formada por lideranças comunitárias e periféricas para atuar na pasta da cultura.

A iniciativa pretende ampliar a experiência próspera de articulação das Rodas Culturais como movimento cultural para outras manifestações legítimas que também transformem os espaços públicos com cultura e arte. Ao se basearem na experiência promovida pelas articulações das Rodas, tanto as instâncias públicas

como as organizações independentes desses outros grupos culturais (*Funk*, Samba e *Slam*) reconhecem a contribuição positiva e efetiva trazida pelos jovens amantes da cultura do *Rap*, em quase uma década de apropriação e ressignificação do espaço público a partir da cultura.

## CONCLUSÃO

Conforme a hipótese inicial proposta, ao pesquisar as motivações dos indivíduos que escolhem a ação em espaço público para o desenvolvimento de suas atividades artísticas e culturais, foi observado que a ocupação na Roda do Méier, inicialmente foi promovida pela articulação de sujeitos e grupos que não encontravam atividades de sua preferência sendo oferecidas pelo poder público, pelo comércio local ou por instituições culturais tradicionais, como centros culturais por exemplo. O grupo uniu-se assim com o intuito de preencher essa lacuna e para celebrar e promover uma ação artística que respondesse aos seus desejos e interesses. A dimensão de ativismo político observado no grupo surge posteriormente, e de forma crescente, conforme estes agentes necessitam legitimar suas ações perante o poder público, para evitarem confrontos e continuarem existindo. A partir daí, as articulações entre organização política e atividade cultural se mesclam, em uma relação tênue, o que foi observado como um fator marcante de todas as manifestações culturais que nascem a partir de grupos periféricos ou representativos de minorias, pela necessidade de enfrentamento direto com as políticas de cultura públicas e formalmente estabelecidas, em disputas por legitimação e fomento das atividades. As movimentações do grupo da Roda Cultural do Méier se tornaram manifestações políticas não só no campo subjetivo, como característica de identidade observada no gênero musical do Hip Hop em letras e sonoridades, mas também no campo material, através de uma articulação compromissada com aspectos técnicos e de gestão, e também através da participação ativa em protestos e manifestações, editais culturais e reunião com os órgãos públicos locais.

São também notáveis as contribuições efetivas promovidas pela Roda Cultural do Méier nos aspectos territoriais de ocupação, aspectos esses que a pesquisa pretendia analisar e mapear, observados através da melhoria estrutural da praça onde o evento é organizado, que passou a ter iluminação pública mantida,

população em geral, no local dos antigos cadeados existentes em 2012. A melhoria de aspectos estruturais do espaço físico onde a Roda Cultural do Méier é realizada

foi creditada a ação cultural realizada pelos integrantes da Roda, que fizeram com que o espaço chamasse novamente a atenção dos moradores do bairro, além das autoridades locais, que antes viam o espaço como um ponto abandonado. Tal hipótese se confirmou após a necessidade de pausas na realização física dos encontros, de 2020 até o momento, em função da pandemia. As visitas a campo nesse período demonstraram que o espaço retomou um aspecto de abandono, com muito lixo, postes e grades depredados. Assim, confirmando a hipótese de que a recuperação física do espaço está atrelada ao uso cultural feito de tal espaço.

A movimentação interna do grupo formado pelos organizadores das Rodas Culturais, também com participação ativa da Roda Cultural do Méier, trouxe também conquistas no âmbito político, demonstradas através da legitimação do grupo como representantes de um movimento cultural com reconhecido valor humanístico e cultural para o Estado, como comprovam as legislações vigentes específicas às atividades realizadas e, especialmente, no reconhecimento do movimento como pertencente ao Patrimônio Imaterial Cultural do Estado e da Cidade do Rio de Janeiro. O próprio projeto Rodas do Rio surge como uma comprovação do sucesso do engajamento político do movimento cultural estudado, apresentando em sua proposição a repercussão das metodologias desenvolvidas pelo grupo defensor das Rodas Culturais para outras organizações, como as das Rodas de Samba e Bailes Funk, em que, assim como nas rodas, as ações se caracterizam pela realização de vários eventos similares pela cidade, executados por diferentes agentes locais, em espaços públicos e de forma gratuita. Assim, o fenômeno de ocupação cultural do espaço público pelas Rodas Culturais, aqui representado pela Roda do Méier, surge como uma contribuição de engajamento e organização política da Sociedade Civil, com reverberações para outros movimentos também de iniciativa popular.

Ao final da pesquisa, espero que as questões aqui analisadas e os dados produzidos auxiliem não só outros pesquisadores, mas principalmente organizações culturais interessadas em realizar de forma concreta o mais

variado contingente de ações culturais no espaço público, usando para estruturação e norteamento o exemplo das Rodas Culturais e as ações observadas em grupos como o da Roda Cultural do Méier, para que possam também se basear na legislação favorável que aqui foi apresentada, fruto da luta e organização política dos amantes da Cultura Rap e das Rodas Culturais. Espero ter contribuído também para que a Universidade esteja cada vez mais sensível aos fenômenos orgânicos da cultura popular e para as políticas culturais inovadoras que surgem nos meios urbanos, fora das tradições e ritos técnicos observados no universo acadêmico.

Assim sendo, este estudo buscou apresentar também a potência da atividade em campo para a criação e promoção de políticas públicas culturais e a importância do diálogo entre as instâncias de poder e a população civil, para juntas, unindo técnica e prática, criarem métodos de gestão cultural favoráveis ao bom usufruto do espaço urbano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rôssi. *Rio de Rimas*. - 1. ed - Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

BOAS, Franz. Alguns problemas de metodologia nas ciências sociais. In: \_\_\_\_\_. *Antropologia cultural*. RJ: Zahar, 2005. pp. 53-66.

CERTEAU, Michel de. Fazer com: usos e táticas. In: \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 91-109; 169-193.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. O conceito de região e sua discussão In: CASTRO, I.E. CORRÊA, R. L. (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

GONÇALVES, R. A.. Rodas Culturais - a arte nas praças cariocas. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: v. 8, p. 441-450, 2014.

HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: MARICATO, Ermínia et Al. (orgs.). *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo. Boitempo, 2013.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS (IPP). *Armazém de Dados / Bairros Cariocas*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas>. Acesso em: 13 Abril 2021.

RANCIÈRE, Jacques. Os paradoxos da arte política. In: \_\_\_\_\_. *O Espectador Emancipado*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2012, p.51-81.

ROSA, Elaine. STRAUCH, Julia. AJARA, Cesar. Desigualdades socioespaciais na Região Administrativa do Méier com base nos Censos 1991, 2000 e 2010. In: BRUNO, Miguel (Org.) *População, espaço e sustentabilidade: contribuições para o desenvolvimento do Brasil*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2015. 344 p.

SAAVEDRA, Renata Franco. *Redes, rodas e palcos das mulheres: produção cultural, arte urbana e feminismos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 2018. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil.

SANTOS, C. N. F. (coordenador) e VOGEL, Arno. *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. Rio de Janeiro: FINEP/IBAM, Projeto, 1985.

SANTOS, Milton. A força do Lugar. In: \_\_\_\_\_. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1). 4. ed. 2. reimpr. p. 212-230

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

## **LINKS UTILIZADOS**

FACEBOOK oficial CCRP, disponível em [CCRP - Circuito Carioca de Ritmo e Poesia - Página inicial | Facebook](#). Acessado em 10/01/2021.

FACEBOOK oficial Roda Cultural do Méier, disponível em [Roda Cultural Do Méier - C.C.R.P. - Página inicial | Facebook](#). Acessado em 10/01/2021.

INSTAGRAM oficial Roda Cultural do Méier, disponível em [Roda Cultural do Meier - CCRP \(@rodaculturaldomeier\) • Fotos e vídeos do Instagram](#).,. Acessado em 12/04/2021.

PORTAL AS RODAS DO RIO. *Análise da iniciativa baseada na experiência das Rodas Culturais do Rio*, disponível em [Portal As Rodas do Rio \(arcgis.com\)](#). Acessado em 28/03/2021.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Prefeitura do Rio prorroga inscrições para mapeamento de rodas de rima, Slam e movimento Funk, disponível em [exibeconteudo - www.rio.rj.gov.br](http://www.rio.rj.gov.br). Acessado em 28/03/2021.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Decreto Municipal nº 36.201/2012, disponível em [Decreto 36201 2012 de Rio de Janeiro RJ \(leismunicipais.com.br\)](http://leismunicipais.com.br). Acessado em 30/04/2021.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Decreto Municipal nº 38.266/2014, disponível em [Decreto 38266 2014 de Rio de Janeiro RJ \(leismunicipais.com.br\)](http://leismunicipais.com.br). Acessado em 30/04/2021.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Decreto Municipal nº 41.703/2016, disponível em [Dec 41703 2016 \(rio.rj.gov.br\)](http://rio.rj.gov.br). Acessado em 30/04/2021.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Projeto de Lei nº 186/2017, disponível em [Projeto de Lei \(camara.rj.gov.br\)](http://camara.rj.gov.br). Acessado em 30/04/2021.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Lei Municipal nº 6301/2017, disponível em [Lei Ordinária 6301 2017 de Rio de Janeiro RJ \(leismunicipais.com.br\)](http://leismunicipais.com.br). Acessado em 30/04/2021.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Lei Municipal nº 7837/2018, disponível em [Lei 7837/18 | Lei nº 7837 de 09 de janeiro de 2018. do Rio de Janeiro, Governo do Estado do Rio de Janeiro \(jusbrasil.com.br\)](http://jusbrasil.com.br). Acessado em 30/04/2021.

SAAVEDRA, Renata. *Há vida inteligente fora da bolha*. palestra TEDXRIO, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1JXSumAdNnQ>. Acessado em 18/04/2021.